



História, Ciências, Saúde-Manguinhos

ISSN: 0104-5970

ISSN: 1678-4758

Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz

Soares, Ricardo

O percurso das drogas no império da anfetamina

História, Ciências, Saúde-Manguinhos, vol. 26, núm. 2, 2019, Abril-Junho, pp. 707-709

Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz

DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702019000200023>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=386160323023>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em redalyc.org



Sistema de Informação Científica Redalyc

Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal

Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa  
acesso aberto

# O percurso das drogas no império da anfetamina

## *The pathway of drugs in the empire of amphetamines*

Ricardo Soares<sup>i</sup>

<sup>i</sup> Químico, Instituto Estadual do Ambiente, Rio de Janeiro.

orcid.org/0000-0002-0353-3174

ricardosoaresuff@yahoo.com.br



OHLER, Norman. *High Hitler: como o uso de drogas pelo Führer e pelos nazistas ditou o ritmo do Terceiro Reich*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil. 2017. 384p.

O livro *High Hitler: como o uso de drogas pelo Führer e pelos nazistas ditou o ritmo do Terceiro Reich* foi lançado em 2015, pelo romancista, roteirista e jornalista alemão Norman Ohler, e tornou-se imediatamente um *bestseller* na Alemanha, EUA e Grã-Bretanha, sendo traduzido até o momento para mais de 25 países. Essa é a primeira obra não ficcional do autor, que assume no prólogo que não pretende conceber um ensaio historiográfico, mas sim “uma perspectiva inconvenção e distorcida” (Ohler, 2017, p.13).

Embora Ohler tenha se valido de fontes documentais inéditas e valiosas, ao não adotar um procedimento teórico-metodológico mínimo, acaba por fazer afirmativas sem respaldo empírico. A polêmica obra descreve em tons fortes e com linguagem jornalística a necessidade crescente da utilização de estimulantes sintéticos pela sociedade alemã em geral e pela cúpula do Terceiro Reich em particular no período de 1933 a 1945. Além disso, o autor apresenta um amplo panorama no qual aborda historiograficamente a grande importância do segmento industrial químico-farmacêutico alemão

na síntese de anfetaminas e “narcóticos que marcaram os acontecimentos no Estado nazista e nos campos de batalha da Segunda Guerra Mundial” (Ohler, 2017, p.12).

O livro é dividido em quatro partes, adotando uma linguagem que possibilita a leitura por uma ampla gama de leitores, quer estejam ou não familiarizados com o tema, mas assume um caráter trivial e sensacionalista nos importantes assuntos abordados, com isso sofrendo severas e justas críticas na revista *Nature* (Weindling, 2016).

Na primeira parte, intitulada “Metanfetamina (1933-1938): a droga popular”, o autor narra a evolução histórica da síntese dos narcóticos na Alemanha desde o século XIX. Essa é a parte em que fica mais evidenciado que, embora o livro não tenha a pretensão de ser um “livro de história da química”, encaixa-se perfeitamente no perfil de “livro de química na história”, pois descreve com detalhes não só a síntese dos novos narcóticos, mas também,

indiretamente, “o ambiente sem paralelo para investigação científica original alemã, inspirada por um grandioso ideal científico – *Wissenschaft*” (Stokes, 2005).<sup>1</sup>

Ohler elucida didaticamente a trajetória das drogas sintéticas fabricadas e utilizadas na Alemanha e suas relações com a sociedade do período, colocando como ponto de partida a síntese da morfina por Friedrich Wilhelm Adam Sertürner em 1804 e indo até a síntese e comercialização em larga escala do Pervitin (metanfetamina), aquela que, segundo o autor, viria a ser a droga preferida pela *Wehrmacht* (Exército, Marinha, Força Aérea e tropas da *Waffen-SS*).

Na segunda parte, “Siegh High: guerra relâmpago é guerra de metanfetamina (1939-41)”, são apresentadas provas documentais inéditas que indicam a realização de experimentos com Pervitin pelo professor doutor Otto F. Ranke em estudantes voluntários da Academia de Medicina Militar, visando obter resultados científicos acurados a respeito de um possível aumento de rendimento fisiológico e intelectual.

Ohler sugere de forma veemente que o vício crescente de Hitler por doses cada vez mais fortes de remédios patenteados teria prejudicado sua capacidade de julgamento em questões estratégicas, como na batalha de Dunquerque. Essa e outras afirmações feitas no livro são ilações difíceis de serem comprovadas, servindo mais como especulações do que como síntese balanceada, o que trouxe enorme repercussão negativa ao livro na comunidade científica internacional (Weindling, 2016).

A terceira parte do livro, “High Hitler: o paciente A e seu médico particular (1941-44)”, demonstra o apogeu da influência do doutor Morell, que, de médico desprezado e ridicularizado, passa a ser o preferido pela alta cúpula do Reich. Ohler indica que, conforme a escalada dos acontecimentos se desdobra no teatro de operações na Europa, o médico de Hitler avançava na construção de um império farmacológico que poderia abastecer com anfetaminas a *Wehrmacht*. É interessante notar que o médico, na construção de seu conglomerado químico-farmacêutico, utilizou fortemente uma das estratégias já consolidadas desde o século XIX pela ciência e tecnologia germânicas: fez das suas indústrias palco de desenvolvimento tecnológico e de ciência aplicada tais como eram vistos nas consistentes universidades alemãs voltadas ao ensino das ciências da engenharia, as *Technische Hochschulen* (Stokes, 2005).

Ohler especula, de forma irresponsável, que enquanto a situação nos *fronts* orientais e ocidentais se deteriorava, cada vez mais Hitler se desconectava da realidade e seu médico passava a lhe prescrever uma nova e mais potente droga sintetizada a partir do ópio, o Eukodal. Além disso, após sofrer um atentado em 1944, Hitler passara a receber também mais uma droga, a cocaína.

Finalmente, na última parte do livro, “Excessos tardios: sangue e drogas (1944-45)”, Ohler (2017, p.279) retrata que a derrocada das tropas nazistas em todos os *fronts* prenunciava os estertores de uma guerra perdida e que “somente o Pervitin ajudava os soldados a suportar [a guerra] e fugir”.

Ohler recebeu críticas por sua obra ter se concentrado demasiadamente nos criminosos nazistas que conduziram os experimentos com drogas, e não tanto em suas vítimas (Weindling, 2016). Além disso, devido à natureza polêmica do tema tratado, Ohler (2017) precisou afirmar, de forma totalmente contraditória e incoerente, por mais de uma vez, que

o consumo de drogas viciantes por Hitler e no Terceiro Reich não foi a causa dos crimes nem tampouco a inspiração para a pervertida ideologia nazista. “Elas [as drogas] apenas fortaleceram o que já estava destinado” (p.330).

Independentemente de toda a polêmica evidenciada, o livro de Ohler possui uma contribuição importante para a compreensão do papel das drogas nos acontecimentos que culminaram na Segunda Guerra Mundial, tornando-o extremamente interessante para o público em geral, para os historiadores das ciências e para os historiadores da química em particular.

#### NOTA

<sup>1</sup> Nesta e nas demais citações de textos publicados em outros idiomas, a tradução é livre.

#### REFERÊNCIAS

OHLER, Norman.  
*High Hitler: como o uso de drogas pelo Führer e pelos nazistas ditou o ritmo do Terceiro Reich*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil. 2017.

STOKES, Donald Elkinton.  
*O quadrante de Pasteur: a ciência básica e a inovação tecnológica*. São Paulo: Editora da Unicamp. 2005.

WEINDLING, Paul.  
History: addiction and the Reich. *Nature*, v.538, n.6, p.38-39. 2016.

